



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Trabalho profissional

**PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO, ASSÉDIO MORAL E SUAS REPERCUSSÕES PARA O
DESGASTE MENTAL DA(O)S ASSISTENTES SOCIAIS: UM ESTUDO NAS INSTITUIÇÕES
FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (IFES'S) NO PARÁ.**

MYLVIA MASAKO ANAISSI KIKUCHI¹

VERA LÚCIA BATISTA GOMES²

RESUMO

O artigo objetiva analisar as repercussões da precarização do trabalho e do assédio moral para o desgaste mental de assistentes sociais que atuam nas IFES no Pará. É tributário de uma pesquisa empírica, cujos dados foram analisados a luz da teoria marxista. Os resultados apontam que esses fenômenos têm provocado desgaste mental, devido pressões para o alcance de metas baseado na lógica do capital.

Palavras-chaves: precarização do trabalho, assédio moral, desgaste mental, assistente social.

ABSTRACT

The article aims to analyze the repercussions of precarious work and moral harassment for the mental exhaustion of social workers who work at IFES in Pará. It is the result of empirical research, whose data were analyzed in the light of Marxist theory. The results indicate that these phenomena have caused mental exhaustion, due to pressure to achieve goals based on the logic of capital

Keywords: moral harassment, precarious work, mental exhaustion, social worker.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar as repercussões da precarização do trabalho e do assédio moral para o desgaste mental de assistentes sociais que atuam em duas Instituições

¹ Universidade Federal do Pará

² Universidade Federal do Pará



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Federais de Ensino Superior (IFES) no estado do Pará. É tributário de uma pesquisa empírica com abordagem qualitativa³ realizada com 20 assistentes sociais que trabalham nas referidas instituições, assim como, dos estudos e reflexões realizados no Grupo de Estudos e Pesquisas “Trabalho, Estado e Sociedade na Amazônia – GEP/TESA” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Teve por base a teoria marxiana e marxista, por considerar que a referida teoria “propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visando alcançar a essência do objeto” (Netto, 2011, p. 22). Os procedimentos metodológicos incluem: pesquisa bibliográfica, aplicação de 20 questionários, realização de 14 entrevistas e a análise de conteúdo. Para preservar a confidencialidade das participantes, os locais de trabalho não foram explicitados, por esta razão as duas instituições pesquisadas encontram-se identificadas como IFES 1 e IFES 2.

A motivação do estudo deu-se a partir da observação no campo profissional, ao perceber uma tendência de adoecimentos de trabalhador(a)s relacionados ao trabalho. Diante disto, suscitaram reflexões e inquietações, que conduziram a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a precarização do trabalho, conflitos nas relações de trabalho que podem configurar o assédio moral, bem como, as repercussões destes fenômenos para o desgaste mental do(a)s assistentes sociais.

A propósito, o adoecimento provocado pelas relações de trabalhos tem se apresentado frequente na contemporaneidade, sobretudo, devido às transformações no mundo do trabalho que vêm provocando impactos na saúde da(o)s trabalhadora(e)s, inclusive, de assistentes sociais que, também, são parte da classe trabalhadora. Neste sentido, Raichelis (2020, p.34) afirma que:

Embora haja muitos estudos na literatura do Serviço Social sobre o campo da saúde do/a trabalhador/a que analisam relações de trabalho e processos de saúde-doença de diversas categorias profissionais, ainda são poucos os estudos empíricos sobre adoecimento e sofrimento de assistentes sociais decorrentes dos processos de trabalhos nos quais estão inseridos/as.

Sendo assim, o(a) assistente social, enquanto um(a) trabalhador(a) assalariado(a) que vende a sua força de trabalho, tem sido afetado(a) pelas transformações contemporâneas que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, sobretudo, no que concerne às novas formas de gestão e organização do trabalho na sociedade capitalista. Segundo Barreto e Heloani (2010, p. 105), a sociedade enfrenta novos desafios, tanto no âmbito social quanto no mundo do trabalho, devido aos novos riscos provocados por essas transformações, pois, segundo esses autores, atualmente,

³ A referida pesquisa subsidiou a elaboração da dissertação de mestrado em Serviço Social, de uma das autoras desta comunicação. Foi realizada de forma híbrida, ou seja: on-line e presencial.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

observa-se uma rotina com acidentes, doenças e mortes no ambiente de trabalho devido às condições inseguras. Paralelo a estas situações “surgem novas patologias, como o estresse laboral e variados transtornos mentais”, agravados pelas mudanças climáticas e a degradação dos recursos naturais do planeta provocada pela utilização abusiva e inadequada por parte das empresas.

No site da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)⁴ da Organização Mundial da Saúde (OMS), encontra-se uma matéria do Relatório Mundial de Saúde Mental da OMS, divulgado em junho de 2022, a qual revela que, em 2019, cerca de

um bilhão de pessoas viviam com transtornos mentais e, além disso, 15% dos adultos em idade laboral sofreram com algum transtorno mental. O trabalho amplifica questões sociais que afetam negativamente a saúde mental, incluindo discriminação e desigualdade. O bullying e a violência psicológica (também conhecidos como assédio moral) estão entre as principais queixas de assédio no local de trabalho, impactando negativamente na saúde mental. No entanto, falar sobre saúde mental ainda é um tabu nos ambientes de trabalho em todo o mundo.

No referido estudo verificou-se que, apesar do número significativo de pessoas que vivem com transtornos mentais⁵, a temática saúde mental, ainda, é considerada um tabu nos ambientes de trabalho, havendo, portanto, a necessidade de ampliar a discussão sobre este assunto para identificar sinais e sintomas relacionados à saúde mental, visando um atendimento especializado.

Essas considerações impulsionaram a realização deste artigo, o qual encontra-se estruturado em quatro partes, a saber: A primeira que trata desta parte introdutória; a segunda aborda sobre a precarização do trabalho e o assédio moral nas relações de trabalho; a terceira que discute a precarização do trabalho, assédio moral e suas repercussões para o desgaste mental da(o)s assistentes sociais nas IFES's do Pará e a quarta e última parte que se reporta as considerações finais.

2. A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E O ASSÉDIO MORAL NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

⁴ Informações disponíveis em: <https://www.paho.org/pt/noticias/28-9-2022-oms-e-oit-fazem-chamado-para-novas-medidas-enfrentamento-das-questoes-saude>.

⁵ De acordo com a Organização Pan- Americana da Saúde, existem vários tipos de transtornos mentais que se apresentam de forma diferenciada e se caracterizam por combinações de pensamentos, percepções, emoções e comportamentos, que podem afetar as relações com outras pessoas. Dentre os transtornos mentais incluem-se: “a depressão, o transtorno afetivo bipolar, a esquizofrenia e outras psicoses. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais>.

Com o propósito de compreender a precarização do trabalho e do assédio moral com assistentes sociais que trabalham nas IFES's no Pará, tornou-se necessário, primeiramente, precisar o que se entende por esses fenômenos. Segundo Alves (2007), a precarização do trabalho é um “processo social de conteúdo histórico – político, concreto, de natureza complexa, desigual e combinada que atinge o mundo do trabalho, principalmente, setores mais organizados da classe do proletariado” (Idem, 2009, p.115). Este destaca que a precarização alcança a base social e política dos movimentos socialistas que se institui no século XX, atingindo os proletariados sujeitos de direitos, os quais são, atualmente, alvos da “flexibilização do trabalho” tendo seus direitos ignorados pelas leis do mercado e do sistema capitalista. Ou seja, a precarização do trabalho se constitui, a partir da crise do capital e das transformações do mundo do trabalho.

A precarização do trabalho expressa a exploração da classe trabalhadora e é conceituada por Antunes (2018) como algo não estático, mas, um modo de ser inerente ao modo de produção capitalista que nasce com a própria criação do trabalho assalariado no capitalismo, de maneira que, a classe trabalhadora necessita vender a sua força de trabalho para produzir mercadorias e se reproduzir. Contudo, esta só recebe por parte de sua produção, pois, o excedente que é produzido e apropriado pelo capital se amplia por meio de vários mecanismos intrínsecos à sua lógica. Sendo que estes mecanismos se manifestam pela intensificação do trabalho, pelo prolongamento da jornada, pelos novos métodos de organização sócio-técnica do trabalho e pelo desmonte dos direitos sociais, trabalhistas e previdenciários, dentre outros.

Desse modo, a precarização vivenciada pela classe trabalhadora se refere a um processo “resultante também da luta entre as classes, da capacidade de resistência do proletariado, podendo, por isso, tanto se ampliar como se reduzir” (Idem, 2018, p. 65). Nesse sentido, a ocorrência desses movimentos se desenvolvem tanto à medida que aumenta a exploração do sistema capitalista quanto o aumento das lutas da(o)s trabalhadoras/es, por meio de greves, lutas sindicais e de enfrentamento contra à ordem do capital.

No que concerne ao conceito do fenômeno assédio moral, optou-se, neste estudo, ter por base os conceitos de autora(e)s que se constituíram, historicamente, referências na temática. Assim, segundo estudos conduzidos pela pesquisadora francesa Marie - France Hirigoyen (renomada psiquiatra, psicanalista, psicoterapeuta e vitimóloga⁶, considerada referência mundial

⁶ Segundo Hirigoyen (2006, p. 15), a vitimologia é uma disciplina considerada relativamente nova nos Estados Unidos, tendo se originado como um ramo da criminologia. Seu objetivo consiste em analisar as razões que levam um indivíduo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

no assunto), o assédio no trabalho é tão antigo quanto o próprio trabalho. No entanto, somente, a partir da década de 1990, passou a ser reconhecido como um problema que pode tornar-se destruidor do ambiente de trabalho. As consequências negativas podem manifestar-se em impactos na produtividade e no aumento do absenteísmo⁷, uma vez que, provoca desgastes psicológicos nos indivíduos afetados (Hirigoyen, 2019). De acordo com a autora, o fenômeno se caracteriza como:

qualquer conduta abusiva (gesto, palavra, comportamento, atitude...) que atente, por sua repetição ou sistematização, contra a dignidade ou integridade psíquica ou física de uma pessoa, ameaçando seu emprego ou degradando o clima de trabalho. [...] Qualquer que seja a definição adotada, o assédio moral é uma violência sub-reptícia, não assinalável, mas que, no entanto, cada ataque tomado de forma isolada não é verdadeiramente grave; o efeito cumulativo dos micro-traumatismos frequentes e repetidos é que constitui a agressão (Hirigoyen, 2006, p. 17, grifos da autora).

No contexto brasileiro, a partir dos anos 2000, foi possível visualizar estudos e pesquisas científicas relacionadas ao assédio moral, período este que foi publicada a pesquisa de dissertação de mestrado pela Pontifícia (PUC/ SP) de Margarida Barreto (médica do trabalho, doutora em Psicologia Social, professora e pesquisadora, tornando-se referência na temática no país. Barreto (2005, p. 56), ressalta que:

[...] No assédio moral, em sua manifestação individual, quer em empresas públicas ou privadas, temos a exposição do outro a humilhações e desqualificações de forma repetitiva e prolongada, durante a jornada de trabalho. A intencionalidade não revelada é forçar este outro a desistir do emprego e pedir a sua demissão. Em empresas públicas, o processo é longo e diferente das empresas privadas. Quer em uma como em outra, as pessoas assediadas são trituradas aos poucos, sendo intenso o padecimento nas empresas públicas, na medida em que o processo se prolonga, às vezes, por anos.

Destaca-se, também, outro estudo de Barreto e os pesquisadores Roberto Heloani e Maria de Freitas, intitulado “Assédio moral no trabalho”, o qual configuram o assédio moral como:

conduta abusiva, intencional, frequente e repetida, que ocorre no ambiente de trabalho e que visa diminuir, humilhar, vexar, constranger, desqualificar e demolir psiquicamente um indivíduo ou um grupo, degradando as suas condições de trabalho, atingindo a sua dignidade e colocando em risco sua integridade pessoal e profissional (Freitas; Heloani; Barreto, 2008, p. 37).

No trabalho de Souza (2019, p. 642), o qual realiza uma entrevista com Margarida Barreto, registra que o assédio moral do trabalho tem se intensificado nas últimas duas décadas. A

a se tornar vítima, os processos de vitimização pelos quais passam, bem como as consequências que essas experiências acarretam para a pessoa e os direitos que ela pode reivindicar. Na França, existe formação para esta especialidade desde 1994, com emissão de diploma universitário.

⁷ De acordo com Chiavenato (2014, p.81), o absenteísmo ou ausentismo trata-se da frequência e/ou duração do tempo de trabalho perdido devido à ausência de colaboradores em seus postos de trabalho. O fenômeno abrange a soma de todos os períodos em que os colaboradores não se encontram presentes no trabalho, por motivos de falta, atraso, ou qualquer outra motivação que impeçam de comparecer ao local de trabalho.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ocorrência desse fenômeno, para Barreto, possui relação direta com as transformações ocorridas no mundo do trabalho, uma vez que, os trabalhadora(e)s contemporâneo(a)s se empenham de maneira intensa para atender as demandas impostas, não, apenas, em relação às jornadas de trabalho, mas, também, para o alcance de metas que precisam ser cumpridas, em qualquer lugar, setor e para qualquer profissional. Essas metas excessivas e exigentes, muitas vezes, acompanham pressões psicológicas, em certos contextos que podem se transformar em uma forma de gestão baseada na humilhação. Deste modo, quando se aborda o conceito de assédio moral, se pensa nessas humilhações que se repetem de maneira contínua e duradoura durante as jornadas de trabalho.

Identifica-se, então, que o assédio moral se insere no contexto de transformações no mundo do trabalho, que apresentam como características, a reestruturação produtiva que, por meio das novas formas de organização e gestão do trabalho, provoca a intensificação do trabalho e torna-se às relações de trabalho, cada vez mais precarizadas. Com efeito, tem-se como resultado a deterioração das condições de trabalho, por meio da flexibilização e pressão para o alcance de metas, constituindo um ambiente propício para a derruição de direitos, a própria manifestação do assédio moral e, conseqüentemente, agravos à saúde do(a)s trabalhadore(a)s.

3. PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO, ASSÉDIO MORAL E SUAS REPERCUSSÕES PARA O DESGASTE MENTAL DA(O)S ASSISTENTES SOCIAIS: Um estudo nas IFES's no Pará

A análise das repercussões da precarização do trabalho e do assédio moral para o desgaste mental de assistentes sociais que atuam nas IFES's no Pará, foi baseado nos dados obtidos em pesquisa empírica realizada com 20 assistentes que atuam nesses espaços-sócio-ocupacionais. A coleta de dados ocorreu em dois momentos: 1) aplicação dos formulários na modalidade *on-line* (considerada como ambiente virtual⁸), que obteve a participação de 20 (vinte) assistentes sociais; e 2) realização de entrevista semiestruturada, nas quais 14 assistentes sociais aceitaram participar deste segundo momento.

Inicialmente, buscou-se analisar a relação trabalho e saúde-doença baseado na concepção de desgaste mental decorrente do trabalho discutido por Seligmann (2022). A autora

⁸ A modalidade utilizada para a aplicação do questionário, por ser considerada como ambiente virtual seguiu todas as Orientações para Procedimentos em Pesquisas com Qualquer Etapa em Ambiente Virtual emitida em 24/02/2021 pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde. Estas orientações objetivam preservar a proteção, segurança e os direitos dos participantes de pesquisa. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf. O formulário, assim como a entrevista também, acompanhou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual o(a) participante teve livre decisão de aceitar ou não participar da pesquisa.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

baseou-se, a princípio, no conceito de “desgaste operário” descritos por Asa Cristina Laurell e Mariano Noriega, precursores na temática, que compreendem como “elementos que interatuam dinamicamente entre si e com o corpo do trabalhador, gerando aqueles processos de adaptação que se traduzem em desgaste, entendido como perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica” (Laurell e Noriega, 1989, p. 110).

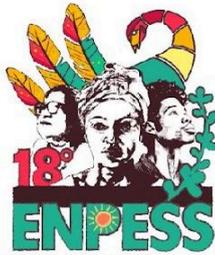
Laurell e Noriega (1989) consideram o desgaste como elemento central para a compreensão do adoecimento no campo Saúde do Trabalhador. Essa abordagem foi fundamentada em uma perspectiva integradora do materialismo histórico-dialético, o qual proporcionou uma compreensão geral e abrangente das repercussões do trabalho dominado sobre a saúde do(a)s trabalhadore(a)s. Nesta perspectiva, Seligmann (2022), a partir destes estudos, discorre que o desgaste mental é entendido como produto de uma correlação desigual de poder imposta ao trabalho e à classe trabalhadora, o que desencadeia forças que têm impacto no processo biopsicossocial de saúde-doença, e nesse processo, o trabalhador(a) é identificado como perdedor(a).

Seligman (2022, p. 136), se propõe, portanto, a adotar um embasamento inicial partindo da proposta de Laurel para analisar o desgaste mental no trabalho

Nas interseções entre processo de trabalho e processo saúde-doença, determinações de ordem sociopolítica e econômica passam a atuar. Nas situações de trabalho dominado, a desvantagem que faz com que o corpo e os potenciais psíquicos do trabalhador sejam consumidos pelo processo de trabalho e por constrangimentos a ele vinculados se configura como desgaste.

A autora ao referir-se em potenciais psíquicos do(a) trabalhador(a), considera os potenciais relacionados à inteligência e aos sentimentos que, normalmente, se manifestam de forma integrada (Idem, 2022). Desse modo, entende-se que, no contexto do trabalho dominado, o desgaste se configura como desvantagens quando o corpo e o potencial psíquico do(a) trabalhador(a) se esgotam devido aos desafios dos processos de trabalho e aos constrangimentos vinculados a eles associados. Sendo assim, o esgotamento do corpo e do potencial psíquico enfrentado no processo de trabalho, pode relacionar-se com a realidade das assistentes sociais que trabalham nas IFES's no Pará que apresentaram repercussões na saúde devido situações que configuram a ocorrência do assédio moral.

Na perspectiva de compreender e analisar quais as repercussões do assédio moral no desgaste mental das assistentes sociais que trabalham nas IFES's no Pará, procuraram-se identificar quais sinais e/ou sintomas que as participantes relataram ter experimentado e



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

percebido como prejudiciais para a sua saúde, sobretudo, com a saúde mental. Portanto, do quantitativo de 14 (quatorze) entrevistadas, evidenciou-se, que 09 (nove) assistentes sociais relataram ter vivenciado situações que caracterizam a ocorrência do assédio moral. Desse modo, com base nesse número, foram destacadas, algumas manifestações que podem levar ao desgaste mental:

- Insônia: 09 (nove) entrevistadas afirmaram que tiveram forte e frequente insônia “eu nunca tive insônia (...) e teve um dia que eu (...) vi o sol raiar” (Entrevistada 11);
- Ansiedade/medo: 09 (nove) entrevistadas consideram como repercussão do assédio moral na saúde a ansiedade “eu sentia ansiedade, medo, quando chegava no domingo a noite eu começava a ficar nervosa, porque na segunda feira eu tinha que vim para cá” (Entrevistada 12);
- Fadiga: 07 (sete) entrevistadas pontuaram que sentiam uma fadiga intensa (cansaço físico e mental), acompanhado do desânimo o qual prejudicou a concentração, bloqueios de falas, entre outros. Seligmann (2022), destaca que graus de fadiga extrema, podem reduzir ao mínimo a questão da sociabilidade e desencadear a desestabilização psicossomática e desgaste psíquico.
- Crises de choro: 08 (oito) entrevistadas ressaltaram que tiveram fortes e intensas crises de choro sequenciais “(...) comecei a chorar muito, né? Inclusive no trabalho, às vezes eu ia para o banheiro e chorava no trabalho” (Entrevistada 09);
- Irritabilidade: 04 (quatro) entrevistadas relataram que sentiram muita irritabilidade “eu entrei no processo, esse de ansiedade exageradamente, eu não conseguia dormir à noite, eu ficava irritada por qualquer coisa muito agitada” (Entrevistada 07).

Outras manifestações psicossomáticas relacionadas ao fenômeno assédio moral foram, também, relatados pelas profissionais como: fortes palpitações, vômitos, manchas na pele, alergias, queda de cabelo, falta de ar, ganho de peso, hiperidrose, perda de libido e lesões no couro cabeludo. Observa-se, assim, que os impactos decorrentes da incidência de assédio moral na saúde das assistentes sociais envolvidas na pesquisa são notáveis, conforme relatado pelas profissionais que experimentaram e, em alguns casos, ainda vivenciam processos como: sofrimento, desgaste mental, danos à saúde acompanhados por afastamentos e tratamento médico (incluindo o uso contínuo de medicações), ansiedade generalizada, depressão, síndrome do pânico e síndrome de burnout. Vale destacar que essas repercussões convergem com o estudo de Barreto (2005, p. 180), o qual discorre



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A gama de atos que compõem o assédio gera uma resposta corporal a ação nociva, que pode variar desde o agravamento de doenças pré-existentes ao desencadeamento de novas patologias, em especial a depressão, angústia, síndrome do pânico, ansiedade, burn-out, obesidade, hipertensão, dores generalizadas, palpitações, transtornos e inquietações que podem levar a desistência definitiva do viver.

Desta maneira, constatou-se que as consequências do assédio moral na saúde dos trabalhadores são consideradas graves e preocupantes, evidenciando como as relações e condições de trabalho podem ter um impacto significativo na saúde desse(a)s profissionais. Isso está em concordância com as argumentações de Vicente (2015, p. 578) que, em sua pesquisa, observou que o surgimento do sofrimento e do adoecimento está, intrinsecamente, presente “nas condições objetivas (organização, instrumentos e meios), promovidas pelas instituições públicas e privadas que demandam o trabalho profissional”. Estas instituições fazem uso de novas e antigas formas de precarização e intensificação do trabalho assalariado, na atual conjuntura de profundas transformações do mundo do trabalho e das políticas sociais.

A propósito Vicente (2015, p. 566), em sua pesquisa, considerou o sofrimento implicado no desgaste mental, pois, este “se instala e se aprofunda sugando as capacidades psicofísicas do sujeito e determinando uma perda temporária ou definitiva de potencialidades e capacidades” devido às situações que foram identificadas em seu estudo, nas quais as profissionais passavam por situações de exposição a injustiças, humilhações, desqualificações, dentre outros. Essas situações conduziram ao desgaste mental dessas profissionais. Esse desgaste manifestou-se por meio de diversos eventos, tais como distúrbios do sono, medo e crises de choro, sentimento de impotência, angústia/ansiedade, fadiga e alterações metabólicas que apresentou semelhança com os sinais e/ou sintomas relatados pelas assistentes sociais que atuam nas IFES's do Pará.

Nessa perspectiva e no contexto do adoecimento e sofrimento que resultam no desgaste mental decorrente de situações que caracterizam a ocorrência do assédio moral, observou-se a concretização do afastamento para tratamento de saúde. Diante dos dados obtidos nos 20 questionários aplicados nas duas IFES's no Pará, identificou-se que, 40% (8 profissionais) relataram ter se afastado do trabalho para tratar de saúde mental, enquanto 60% (12 profissionais) afirmaram não ter se afastado por esse motivo. Especificamente, 4 trabalhadoras da IFES 1 (33%) e 4 da IFES 2 (50%) precisaram de afastamento para tratamento de saúde mental.

Observa-se na contemporaneidade um número considerável de afastamentos para tratamento da saúde mental por fatores relacionados ao trabalho. Conforme Hack e Oliveira (2015, p.12), os dados do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), apontam que os acometimentos de males psicológicos decorrentes do trabalho já são a segunda causa de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

afastamento do trabalho”. Para Alves (2018, p. 05), ao prefaciar o livro “Trabalho, Saúde e Direitos Sociais” organizado por José Inácio e Ricardo Lara, expressa que

O tema da saúde dos trabalhadores – com destaque para a saúde mental - tornou-se tema cujo “discurso de competência” não deve se restringir apenas a médicos do trabalho, psicólogos e psicanalistas. Todos nós temos a obrigação de discutir a natureza da saúde dos trabalhadores – e não apenas trabalhadores, mas pessoas humanas-que-trabalham. O objeto “exploração e dominação do capital” “implodiu” efetivamente as linhas demarcatórias da especialidade acadêmica disciplinar, exigindo do sujeito do conhecimento uma postura dialeticamente transdisciplinar. A crítica do adoecimento laboral tornou-se questão crucial na crítica do capital no século XXI. O capital como metabolismo social tem como principal característica o estranhamento. O que caracteriza a sociedade burguesa senil é o sistema irracional que se manifesta hoje, mais do que nunca, pelo adoecimento das pessoas-que-trabalham – principalmente o adoecimento psíquico.

Deste modo, observou-se que a exploração e dominação do capital exercem um impacto significativo na vida, na saúde e no trabalho da classe trabalhadora. Portanto, os autores enfatizam a importância da compreensão das pessoas na relação entre o processo de saúde do(a) trabalhador(a) e o adoecimento relacionado ao trabalho. Além disso, ressaltam que, no atual século XXI, a crítica do adoecimento no trabalho se tornou uma questão de grande relevância na análise do capital. O estranhamento inerente ao capital, como metabolismo social, torna-se evidente na sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito ao adoecimento psíquico.

Antunes e Praun (2015), ao discutirem a sociedade dos adoecimentos no trabalho em meio a acumulação flexível, destacam que os acidentes de trabalho e as manifestações de adoecimento com nexos laborais são processos tão antigos quanto a submissão do trabalho às diferentes formas de exploração, os autores fazem referência ao adoecimento ou enfermidade com nexos laborais, considerando os resultados da exposição do(a) trabalhador(a) a condições de trabalho prejudiciais à saúde, que, repercutem no adoecimento físico e/ou mental.

Nesta perspectiva Praun e Antunes (2015) sinalizam que durante o século XX, com a predominância da produção em massa e intensificação do controle e do trabalho, decorrentes da expansão dos modelos de gestão do trabalho como taylorismo e fordismo, surgem, no atual cotidiano de trabalho, novas formas de acidentes e adoecimentos com nexos laborais. Desse modo, ressaltam que na contemporaneidade observam-se as seguintes mudanças: por um lado o surgimento de novas doenças que são características das formas mais recentes e organização do trabalho e produção; e por outro lado, devido à nova divisão internacional do trabalho, observa-se



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

a disseminação de práticas que se relaciona com os princípios da liofilização organizacional⁹, e da empresa enxuta (*lean production*) com condições de trabalho precárias ou quase inexistentes referentes a proteção do trabalho. Essas transformações no mundo do trabalho, com novos modelos de produção e gerenciamento, atingem não somente os contextos industriais, mas também alcança o serviço público e os espaços sócio-ocupacionais de assistentes sociais.

Faermann e Mello (2016, p. 96), ao abordar o trabalho do(a) assistente social pontua “problematizar o trabalho do assistente social na atualidade, supõe pensá-lo como alíquota do trabalho da classe trabalhadora que vende sua força de trabalho em troca de um salário, sujeito às violações e aos constrangimentos comuns a todos os trabalhadores assalariados”. As autoras destacam que é nesse contexto que se amplia a discussão sobre o sofrimento e o adoecimento de profissionais do Serviço Social, devido à mercantilização de sua força de trabalho na sociedade contemporânea, inseridos no processo da reestruturação produtiva.

Entende-se, portanto, que esse(a)s profissionais que são submetido(a)s às precárias condições de trabalho, à competitividade, à pressão por alcance de metas, à cobrança por produtividade, dentre outras formas de gestão e de controle da força de trabalho podem ser elementos desencadeadores de adoecimento, a exemplo deste estudo, o assédio moral como mecanismo a ser utilizado nas formas de gestão.

Considerando os dados aqui analisados, fica evidente que o número de assistentes sociais que precisaram se afastar para tratamento de sua saúde mental é significativo. Isso torna um fator preocupante dentro do contexto pesquisado, uma vez que, 40% representam uma parcela considerável desses profissionais que enfrentaram ou enfrentam fragilidades em sua saúde devido a situações que configuram violência no ambiente de trabalho, especialmente o assédio moral, como expressado pelas participantes respondentes.

Diante destes dados, é relevante considerar que, além do quantitativo de profissionais que utilizaram seu direito de afastar-se para tratamento de sua saúde, identificou-se na etapa da entrevista um número adicional (3 assistentes sociais) que reconheceram a necessidade de afastamento para cuidar de sua saúde mental, relacionado ao assédio moral. No entanto, essas

⁹ Segundo Antunes (1999), a liofilização organizacional é uma parte de novas formas de organização do trabalho inserido no contexto da acumulação flexível. Ela se baseia em um padrão produtivo organizacional com tecnologias avançadas que visam aumentar a produtividade em um menor período de tempo. É o aumento do trabalho morto em detrimento do trabalho vivo, ou seja, técnicas de gestão para a intensificação do trabalho, acompanhado da polivalência e da multifuncionalidade.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

profissionais optaram por continuar trabalhando devido ao compromisso com suas responsabilidades profissionais e com os usuários atendidos. Isso sugere a possibilidade de existirem adoecimentos além dos 40% identificados, evidenciando a presença de um contingente oculto de assistentes sociais que podem estar enfrentando problemas de saúde mental, mas que não estão oficialmente afastados de suas funções.

Vale destacar o estudo de Castilho, Nascimento e Gomes (2021), que coaduna com os dados desta pesquisa, intitulado "Precarização do trabalho profissional da/o assistente social na Amazônia brasileira: Particularidades do estado do Pará," no qual as autoras revelam dentre outros impactos que a intensificação da precarização das condições de trabalho resulta em condições precárias, como falta de infraestrutura, baixos salários, altas taxas de adoecimento e afastamento.

Pelo exposto, constata-se que a(o)s assistentes sociais como trabalhadora(e)s assalariada(o)s, também, são afetada(o)s, significativamente, pelas transformações contemporâneas do mundo do trabalho, sendo submetidos às degradações e violações de direitos repercutindo na saúde da(o) trabalhadora(e)s. Faermann e Mello (2016, p. 105) ressaltam que a(o)s assistentes sociais enfrentam as mesmas condições de quaisquer outra(o)s trabalhadora(e)s assalariada(o)s, tendo suas atividades suscetíveis ao domínio e à instabilidade do trabalho, à desvalorização dos salários, à cobrança por produtividades e resultados imediatos, dentre outras situações que repercutem e identifica a intensificação da precarização do trabalho própria do modo de produção capitalista. Tal realidade foi possível constatar nos relatos dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa das mencionadas autoras, os quais apresentaram uma "diversidade de situações complexas, difíceis e fatigantes" que impactam de forma negativa na saúde física e emocional desta(e)s profissionais.

Na perspectiva de realização de trabalhos permeados por cobranças para o alcance de metas e apresentação de produtividade, demonstra-se a seguir a dinâmica do cotidiano profissional das assistentes sociais que trabalham nas IFES's no Pará

(...) Essa dinâmica de trabalho (...) é uma dinâmica com estabelecimento de metas, né? (...) Então, nós trabalhamos com metas de análise de processos, análise socioeconômica (...) então é um trabalho assim, bem pesado, em uma lógica que eu entendo que nem é uma lógica do serviço público, é uma lógica mais comercial mesmo... Então, tem uma pressão grande (...) (Entrevistada 03).

Constata-se, então, que tanto no setor privado, quanto no setor público estatal, o(a)s trabalhadore(a)s vêm enfrentando um conjunto de pressões que se referem a busca incessante



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

pelo alcance de metas, o que implica na sobrecarga de trabalho e em novas formas de precarização das relações de trabalho. A realidade vivenciada pelas assistentes sociais que trabalham nas IFES's pesquisadas dialoga com os argumentos de Castilho, Gomes e Nascimento (2021, p. 342), ao afirmarem que as instituições operadas pelo Estado, por meio das políticas sociais, apresentam sua dinamicidade mais voltada para “uma lógica mercantilizada e seus protocolos focados em metas, eficiência, eficácia e produtividade em detrimento da lógica do direito e acesso universalizante às políticas sociais”.

Desta forma, os recursos públicos destinados a oferecer uma infraestrutura necessária para a operacionalização dos serviços das políticas públicas são, em geral, destinados a gerar superávit primário para o pagamento dos juros da dívida pública. Esses são reflexos da crise estrutural do capital que impõe o processo de reestruturação produtiva de base neoliberal, provocando, assim, profundas transformações no mundo do trabalho que atinge a classe trabalhadora, em geral, e, em particular, as assistentes sociais que trabalham nas IFES's no Pará, devido a adoção de modelos de gerenciamento por metas e a intensificação do trabalho.

Essa realidade se coaduna com a discussão de Raichelis e Vicente (2015, p. 04), ao pontuar que os processos de reestruturação produtiva não são exclusivos das empresas capitalistas, pois, verifica-se que esses processos possuem diferentes mediações e encontram-se presentes na “organização social do trabalho na esfera estatal, reestruturando e moldando a ação pública no campo das políticas sociais e dos serviços sociais”.

As autoras acima referidas afirmam que, assim como, no setor privado, o setor público-estatal, passa por grandes mudanças tecnológicas, inserindo neste contexto diferentes formas de implantação das TIC's. Essas tecnologias potencializam a “cultura do gerencialismo” que tende a esvaziar aspectos reflexivos e criativos do trabalho, inserindo os processos e as dinâmicas da instituição para atendimento às metas de controle de “qualidade” e de produtividade que são traçadas.

A propósito, registra-se que nas IFES's pesquisadas no Pará, é realizado, por meio da equipe técnica, a análise sócio-econômica do(a)s estudantes por meio de em um sistema digital que, aparentemente, acelera o processo de análises de forma que a meta estabelecida seja alcançada. A cultura do gerencialismo, destacada pelas autoras acima, que tende ao esvaziamento reflexivo e criativos do trabalho, corrobora com o relato das profissionais sobre condições e relações de trabalho, as quais fizeram menção sobre a rotinização do trabalho, ausência de realização de outras atividades, devido a repetição do trabalho considerada pelas



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

profissionais como “tarefeiras” e “tecnicistas”. Observa-se, neste contexto, a busca pelo atingimento das metas, através das novas formas de gestão e organização do trabalho que possui uma abordagem de cunho neoliberal e toyotista, a qual, ao mesmo tempo que possibilita o aumento da produção, provoca, também, o enxugamento da força de trabalho e, conseqüentemente, a redução da oferta dos serviços públicos.

Ademais, outras situações relacionadas às novas formas de precarização do trabalho foram identificadas nas falas das profissionais entrevistadas, tais como: sobrecarga e intensificação do trabalho agravadas pelo sucateamento dos equipamentos materiais (como a ausência de internet e falhas no manuseio dos computadores) e a insuficiência de equipe técnica (por exemplo, na situação de licença saúde, não há profissionais suficientes que possam assumir as metas da servidora que esteja ausente). Essas situações repercutem em um processo “adoecedor” e “desgastante” com impactos na “saúde do trabalhador” em virtude da “pressão” e “cobrança exacerbada” para cumprimento de metas. Os relatos, a seguir, são:

(...) eu adoeci e sai de licença, quando eu retornei de licença, o trabalho tava parado, porque era como se fosse um trabalho meu e não da equipe né? Não fosse trabalho da instituição, mas era um trabalho como se fosse pessoal né? E aí no primeiro dia eu tinha acabado de voltar de licença saúde, por questões de saúde mental, e a primeira coisa foi que me disseram: “você tem 20 dias para me entregar o relatório que está atrasado porque você não entregou antes de sair de licença” (...) tu tens sempre essa cobrança exacerbada. (Entrevistada 02).

Porque se eu tenho uma meta, por exemplo de (...) 5 análises socioeconômicas por dia e não consigo fazer porque a internet não me deixou, porque o meu computador não permitiu (...) me causa uma preocupação, porque amanhã eu não vou ter 5, eu vou ter 10 processos (...) então isso acaba me causando uma preocupação até prévia, nem chegou ainda o dia, mas eu já tô me preocupando, porque amanhã eu vou ter que me desdobrar para poder dar conta. (...) Então isso (...) impacta (...) na saúde do trabalhador, por conta dessa preocupação mesmo, sabe? Causando muitas vezes (...) o trabalho nos fins de semana, o trabalho noite adentro. (Entrevistada 03).

Nota-se, a partir dos depoimentos que ocorre uma invasão do trabalho na esfera da vida privada, com repercussões no âmbito familiar e social, pois a dinâmica de trabalho se estende para o espaço doméstico. Tem-se, então, a intensificação do trabalho e a invasão deste na esfera do lar, pois, muitas vezes, se estende ao período noturno e aos finais de semana, em busca do alcance de metas.

Desta forma, a dinâmica de trabalho das assistentes sociais, nas IFES's pesquisadas é marcada por pressões para alcance de metas. Isso repercute em um processo considerado desgastante e adoecedor, visto que, a preocupação em cumprir prazos estabelecidos, embora, em algumas situações, as assistentes sociais consigam negociar por meio de diálogo e reuniões, a prorrogação dos prazos devido às ocorrências como: demora na manutenção de computadores,

falta de fornecimento de energia elétrica e internet, a dinâmica do alcance de metas já faz parte do cotidiano, agravada por uma equipe reduzida e, por vezes, sem condições suficientes de trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste artigo permitiu a constatação de que as repercussões da precarização do trabalho e do assédio moral geram um impacto significativo na saúde das assistentes sociais, repercutindo para o desgaste mental e afastamento no trabalho destas profissionais. O acúmulo de tarefas não concluídas, devido à falta de condições de trabalho, insuficiência de equipe técnica, rotinização do trabalho e situações que configuram o assédio moral apresentaram como elementos importantes para o adoecimento das trabalhadoras.

As formas de precarização do trabalho identificadas neste estudo estão relacionadas às novas formas de gestão e organização baseadas na lógica capitalista, que exige alta produção e metas exorbitantes, desconsiderando a saúde das trabalhadoras, pois quando as assistentes sociais se afastam por motivos de saúde, as metas se acumulam, gerando sobrecarga e impedindo a realização de outras atividades. Isso tem impactos significativos na saúde e na dinâmica de trabalho das assistentes sociais, dificultando reflexões sobre sua prática profissional e a execução de outras competências e atribuições.

No contexto de profundas transformações no mundo do trabalho, Raichelis (2015), ao analisar a nova morfologia do trabalho de assistentes sociais sob a hegemonia das políticas neoliberais, apresenta algumas reflexões como:

Por sua vez, é no setor de serviços — públicos e privados — que, de modo geral, se observa a maior e mais ampla precarização e intensificação do trabalho, cujas atividades são mais desvalorizadas, com valor agregado menor e mais baixos salários. Nesse contexto, crescem o assédio moral, o desgaste mental das/os assistentes sociais, o sofrimento e o adoecimento provocados pelas novas formas de organização, controle e gestão do trabalho nas políticas sociais. Dinâmica que revela de forma inequívoca que o trabalho da/o assistente social, a exemplo do que acontece com a classe trabalhadora em seu conjunto, tem sido submetido aos dilemas da alienação e do estranhamento, cujas particularidades precisam ser pesquisadas e analisadas nas situações e relações sociais concretas em que as/os assistentes sociais se inserem.

Desta forma, verifica-se, então, que as assistentes sociais que trabalham nas IFES's do Pará estão submetidas a novas formas de precarização e de intensificação do trabalho. Isso ocorre em meio a uma rotina intensa, na qual o alcance de metas é um parâmetro crucial para a realização do trabalho profissional que é exercido em estruturas precarizadas e com equipes reduzidas, o que impossibilita e torna desgastante o trabalho. Nesse contexto, observa-se a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

relação entre a precarização do trabalho e o assédio moral tornando-se evidente, devido às novas formas de organização, controle e gestão do trabalho que incidem de maneira acelerada nos espaços sócio-ocupacionais das assistentes sociais

No que diz respeito às repercussões do assédio moral, constatou-se que esta violência perversa repercute de forma significativa na saúde das assistentes sociais que atuam nas IFES's do Pará, causando sofrimento, adoecimento, desgaste mental e afastamentos no trabalho dessas profissionais. Os motivos que têm provocado a ocorrência deste fenômeno foram identificados, dentre outros motivos, pelas relações de poder e pelas novas formas de organização e gestão do trabalho. Registra-se que este trabalho não pretende esgotar a análise do tema, mas, sim, contribuir para o debate sobre um assunto de grande impacto para a classe trabalhadora, assim como, fornecer subsídios para futuras pesquisas, abordando um tema complexo e muitas vezes velado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2ª ed. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.

_____. PREFÁCIO O fardo de Prometeu. In INÁCIO, José R.; LARA, Ricardo Lara (org.). **Trabalho, saúde e direitos sociais**. 1. ed. Bauru: Projeto Editorial Praxis, Canal 6, 2018.

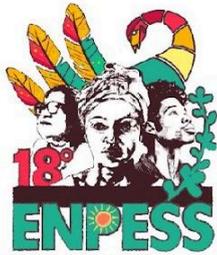
ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1ª Ed., 2018. Barreto (2005, p. 56).

_____. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial. 3ª Ed., 1999.

BARRETO, Margarida. **Assédio moral: a violência sutil Análise epidemiológica e psicossocial no trabalho no Brasil**. 2005. 236 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo, 2005.

_____; HELOANI, Roberto. Assédio laboral e as questões contemporâneas à saúde do trabalhador. In: NAVARRO, Vera Lúcia; LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza (orgs.). **O avesso do trabalho III: saúde do trabalhador e questões contemporâneas**. São Paulo: Expressão popular, 2010. p. 105-121.

CASTILHO, Daniela Ribeiro; NASCIMENTO, Maria Antônia Cardoso; GOMES, V. L. B. PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO PROFISSIONAL DA/O ASSISTENTE SOCIAL NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: Particularidades do estado do Pará. **O SOCIAL EM QUESTÃO** (ONLINE), v. 01, p.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

331-354-354, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51104/51104.PDF> .
Acesso em: 15 jan. 2023.

FAERMANN, Lindamar; MELLO, CÁSSIA Camila Val de. As condições de trabalho dos assistentes sociais e suas implicações no processo de adoecimento dos profissionais. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), vol. 15, núm. 1, jan/jul, 2016, pp. 96-113 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/23035>. Acesso em: 15 jan. 2022.

FREITAS, M. E.; HELOANI, R.; BARRETO, M. **Assédio moral no trabalho**. São Paulo: Cengage learning, 2008.

HACK, Acir Alfredo; OLIVEIRA, Renato T. A. APRESENTAÇÃO In: **Assédio moral no trabalho: características e intervenções** / org. Suzana da Rosa Tolfo e Renato Tocchetto de Oliveira – Florianópolis, SC: Lagoa, 2015.

HIRIGOYEN, M. F. **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2019.

_____. **Mal-estar no trabalho: redefinindo o assédio moral a violência perversa no cotidiano**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2006.

NETTO, José Paulo. **Transformações societárias e Serviço Social: Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil**. São Paulo, Revista Serviço Social e Sociedade nº 50, 1996.

RAICHELIS, Raquel; VICENTE, Damares. **METAMORFOSES DO TRABALHO E DA POLÍTICA SOCIAL: implicações para o trabalho do(a) assistente social**. 2015. Disponível em: <https://coloquio3.files.wordpress.com/2015/03/metamorfoses-do-trabalho-e-da-politica-social.pdf> . Acesso em: 04 de mai. 2022.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2022.

VICENTE, D. **Serviço social, trabalho e desgaste mental**. In: A nova morfologia do trabalho no serviço social. São Paulo: Cortez. p. 127-149, 2017.

_____. Desgaste mental de assistentes sociais: um estudo na área da habitação. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 123, p. 562-581, jul./set. 2015.